



Fulton
J. Sheen
TRÊS
PARA
CASAR

*O projeto de Deus para
seu casamento*



petra



*Fulton
J. Sheen*
TRÊS
PARA
CASAR

*O projeto de Deus para
seu casamento*



petra

TRÊS
PARA
CASAR







*Fulton
J. Sheen*

TRÊS
PARA
CASAR

*O projeto de Deus para
seu casamento*



TRADUÇÃO

Maria Helena Amoroso Lima Senise

PREFÁCIO

Camila K. Abadie

petra

Título original: *Three to Get Married*

Copyright © by The Estate of Fulton J. Sheen/The Society for the Propagation of the Faith/www.missio.org. All rights reserved.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela PETRA EDITORIAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

PETRA EDITORA

Av. Rio Branco, 115 — Salas 1201 a 1205 — Centro — 20040-004 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S541t Sheen, Michael J.

Três para casar / Fulton J. Sheen ; traduzido por Maria Helena Amoroso Lima Senise. – 2.ed. – Rio de Janeiro : Petra, 2023.

Formato: epub com 1,8 MB

ISBN: 978-65-88444-32-0

1. Cristianismo. I. Senise, Helena Amoroso Lima. II. Título.

CDD: 233

CDU: 2-184

André Queiroz – CRB-4/2242

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA:



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

1. Distinções entre sexo e amor

2. Nossas forças vitais

3. O que é o amor

4. As três tensões do amor

5. Os três elementos do amor

6. O amor é tríplice

7. Desvendando o mistério

8. A pureza: respeito ao mistério

9. A dignidade do corpo

10. Casamento e espírito

11. O grande mistério

12. O vínculo indissolúvel

13. Geração

14. Paternidade

15. Maternidade

16. Missão dos filhos

17. Maria, a maternidade e o lar

18. A noite de trevas do corpo

19. Na alegria e na dor

20. O amor em face da separação

21. Eternidade do amor

Colofão

PREFÁCIO

Se for mesmo verdade que São Pio de Pietrelcina disse que o inventor da geladeira estaria no céu, enquanto o inventor da televisão, no inferno, também é verdade que Dom Fulton Sheen soube santificar esta última valendo-se dela para espalhar o Evangelho e a doutrina católica de maneira até então inédita entre os seus contemporâneos.

Em uma época como a nossa, em que as redes sociais tornaram-se onipresentes e mesmo a menor das paróquias interioranas possui um perfil nelas, pode parecer fato sem importância que um bispo pregue a Palavra de Deus na televisão — mas isso somente se nos faltar um horizonte histórico mínimo capaz de levar em conta as dificuldades inerentes ao período em que seus esforços evangelísticos ocorreram. Convém notar, no entanto, que a “carreira” televisiva foi precedida por uma longa escola no rádio, o meio de comunicação mais desenvolvido e popularizado de outrora.

Todas as noites de domingo, durante vinte anos, de 1930 a 1950, o então padre Sheen pregava em seu programa de rádio denominado “A hora católica”. Sua extrema desenvoltura para a oratória — conhecida desde o início da juventude —, sua formação invulgar — na qual figuram prêmios e títulos internacionais — aliadas a uma inteligência e carisma brilhantes foram postos a serviço da causa do Evangelho e conquistaram inúmeros corações à obediência da Verdade.

Foi depois dessa bem-sucedida e larga experiência de duas décadas, nas quais a televisão dava seus primeiros passos, que o recém-sagrado bispo Sheen, em 1952, inaugurou seu modesto programa televisivo intitulado “A vida merece ser vivida”. Com transmissão ao vivo no horário nobre das 20h das terças-feiras, diante de uma plateia e sem auxílio algum além de um eventual quadro-

negro, o programa chegou a atingir 50 milhões de telespectadores por semana, superando gigantes como Frank Sinatra e Milton Berle. Esta primeira iniciativa estendeu-se por cinco anos. A segunda empreitada, chamada “Programa Fulton Sheen”, levou ainda mais longe as boas-novas de salvação, iniciando suas transmissões em 1961, ainda preto e branco, e as encerrando em 1968, já em cores. É desta fase a maioria dos vídeos dele que encontramos disponíveis na internet. Como se isso tudo, aliado à ativa rotina eclesial, ainda não fosse o bastante — e, na verdade, é apenas a atividade que trouxe maior notoriedade pública ao primeiro televangelista da história —, há ainda uma profícua produção escrita, na qual constam mais de setenta livros, incontáveis artigos e colunas de jornais.

O livro *Três para casar* consiste em um desses esforços. Contrariamente ao estereótipo do homem de religião fechado em si mesmo, soturno e alienado acerca do que acontece no mundo, Dom Fulton Sheen frustra todas as expectativas e personifica o ideal do sacerdote que conhece profundamente a época em que vive, sabe quais são os problemas enfrentados por seus contemporâneos e vai até eles com alegria e bom-humor, desfazendo as confusões propagadas pela ideologia

s e oferecendo a Verdade que cura e liberta de forma clara e contundente. Talvez surja, no entanto, a questão de como um padre, um homem celibatário, pode entender alguma coisa de casamento se ele próprio jamais fora casado. O conceito de “lugar de fala”, segundo a qual só deve ser permitido emitir opinião sobre determinado assunto quem o vivencia de algum modo, cada vez mais frequente em nossos dias, cai por terra com estrondo a cada linha de *Três para casar*. Mais do que entender teoricamente os meandros do relacionamento entre homem e mulher, o autor vai até as profundezas espirituais deste que é o vínculo mais complexo estabelecido entre dois seres humanos. E não somente isso, mas ao longo de todo o percurso, vai dialogando com diferentes correntes psicológicas, antropológicas e até mesmo com a ciência. Assim, o que poderia parecer uma abordagem superficial da questão, redigida por um sacerdote cheio de ideias ultrapassadas e enfadonhas, revela-se uma obra rica, clara, profunda e empolgante que toca com maestria em assuntos delicados como: sexo, instinto,

paixão, amor, filhos, paternidade, maternidade, separação, indissolubilidade e muitos outros.

Àqueles que querem ser surpreendidos pela lucidez, atualidade e beleza das palavras do Venerável bispo norte-americano, que em nada afastam do ensino da Igreja, mas antes o iluminam ainda mais, *Três para casar* chega com a força revigorante das verdades eternas.

Camila H. Abadie

1

DISTINÇÕES ENTRE SEXO E AMOR

O amor reside, primariamente, na vontade, não nas emoções ou nas glândulas. A vontade é como a voz; as emoções são como o eco. O “prazer”, unido ao amor, ou aquilo que é hoje em dia chamado “sexo”, é como a crosta enfeitada de um bolo; sua finalidade é fazer-nos amar o bolo, não ignorá-lo. A maior ilusão daqueles que amam é crer que a intensidade de sua atração sexual é a garantia da perpetuidade de seu amor. É por causa dessa falha na distinção entre o glandular e o espiritual — ou seja entre o Sexo, que temos em comum com os animais, e o Amor, que temos em comum com Deus — que os casamentos são tão pródigos em decepções. O que algumas pessoas amam não é alguém e sim a experiência de estarem amando. A primeira é insubstituível, a segunda não. Quando as glândulas cessam de atuar com sua força primitiva, os casais que identificam emocionalismo e amor alegam que não mais se amam. Se assim é, em primeiro lugar eles nunca se amaram; só amaram o fato de serem amados, o que é a forma mais alta de egoísmo. Casamento fundado unicamente em paixão sexual dura apenas enquanto existir a paixão animal. Em menos de dois anos a paixão sexual pelo outro pode desaparecer, e quando isso acontece, a lei vem em auxílio para justificar o divórcio com palavras desprovidas de sentido tais como “incompatibilidade” ou “tortura mental”. Os animais nunca recorrem aos tribunais, porque neles o amor não é produto da vontade; todo homem dotado de razão sente necessidade, quando procede mal, de justificar sua conduta errônea.

Há dois motivos para a predominância do sexo sobre o amor, numa civilização decadente. Um deles é o declínio da Razão. Quando as criaturas

humanas renunciam à Razão, elas se atêm às suas imaginações. Eis por que as fitas de cinema e as revistas ilustradas têm tanto sucesso. À medida que o pensamento perde sua ação de controle, desejos irreprimíveis vêm à tona. Uma vez que os desejos físicos e eróticos são contados entre os mais fáceis de vingar na alma humana, porque não exigem esforço e são poderosamente incentivados pelas paixões corporais, o sexo torna-se de uma importância total. Não é por acidente histórico que uma época de anti-intelectualismo e irracionalismo como a nossa seja também uma época de liberdade carnal.

O segundo fator é o egocentrismo. À medida que a crença num Julgamento Divino, numa vida eterna — céu e inferno —, numa ordem moral, vai progressivamente sendo rejeitada, o “ego” cada vez mais se afirma como fonte de sua própria moralidade. Cada pessoa passa a ser juiz do seu próprio caso. Com esse desenvolvimento do egoísmo, a busca de autossatisfação torna-se mais e mais imperativa, ao passo que os interesses da comunidade e os direitos de outrem têm cada vez menos atrativo. Todo pecado tem centro em si mesmo, todo amor tem centro em outrem e tem relatividade. O pecado é a infidelidade do homem para com a imagem daquilo que ele deveria ser na sua vocação eterna de filho adotivo de Deus: a imagem que Deus vê em si mesmo quando contempla seu Verbo.

Dois extremos devem ser evitados quando se discute o amor no casamento: um deles é não querer tomar conhecimento do amor sexual, o outro é dar primazia à atração sexual. O primeiro erro era vitoriano, o segundo é freudiano. Para cristãos, o sexo é inseparável da pessoa, e reduzir a pessoa ao sexo é tão tolo quanto reduzir a personalidade aos pulmões ou ao tórax. Algumas formas de educação vitorianas praticamente negavam que o sexo fosse uma função da personalidade; alguns “sexualistas” modernos negam a personalidade e fazem do sexo um deus. O animal macho é atraído pela fêmea, mas a personalidade humana é atraída por outra personalidade humana. A atração de besta por besta é fisiológica, a atração do ser humano pelo ser humano é fisiológica e espiritual. O espírito humano tem uma sede de infinito que o quadrúpede não tem. Esse infinito é, na verdade, Deus. Mas o homem pode perverter essa sede, o que não pode o animal, por não ter conceito de infinito. A infidelidade, na vida conjugal, consiste primordialmente em

substituir o infinito por uma sucessão finita de experiências carnis. Essa falsa infinidade de sucessão substitui a Infinitude do Destino, que é Deus. A besta é promíscua por motivos inteiramente diversos do homem. O falso prazer obtido em novas conquistas no domínio do sexo serve de substituto à conquista do Espírito pelo Sacramento. A sensação de vazio, melancolia e frustração é consequência de se encontrar satisfação infinita naquilo que é carnal e limitado. A moral do prazer conduz ao desespero. Os espíritos mais angustiados são aqueles que buscam a Deus num falso deus.

Se o amor não se eleva, se rebaixa. Se, tal como a chama, não queima para cima em direção ao sol, queima para baixo até a destruição. Se o sexo não se eleva para o céu, ele desce até o inferno. Não existe tal coisa de dar o corpo sem dar a alma. Aqueles que pensam poder ser fiéis de espírito mas infiéis de corpo esquecem que corpo e alma são inseparáveis. Não existe sexo isolado de personalidade. É impossível a um braço viver e gesticular à parte do organismo a que pertence. O homem não tem funções orgânicas separadas de sua alma. A personalidade toda fica envolvida. Nada há de mais psicossomático do que a união de dois seres numa só carne; nada tem tanta influência sobre a mentalidade, sobre a vontade, tanto para melhorá-las como para piorá-las. A separação do corpo e da alma significa morte. Aqueles que separam sexo e espírito estão se encaminhando para a morte. Desfrutar a personalidade de outrem através da própria personalidade é amar. O prazer animal de um ser através do prazer animal de outro é sexo, independente de amor.

O sexo é um dos meios que Deus instituiu para o enriquecimento da personalidade. Há um princípio básico de filosofia que diz não existir nada na mente que previamente não haja passado pelos sentidos. Todo nosso conhecimento vem do corpo. Temos corpo, diz santo Tomás, devido à pobreza do nosso intelecto. Assim como o enriquecimento da mente vem do corpo e de seus sentidos, assim também o enriquecimento do amor vem através do corpo e de seu sexo. Assim como se pode ver o universo espelhado numa lágrima que rola pela face, também no sexo pode ser espelhado esse mundo maior que é o mundo do amor. O amor, no casamento monogâmico, inclui sexo; mas o uso que se dá contemporaneamente à palavra “sexo”, não implica casamento ou monogamia.

Toda mulher compreende por instinto a diferença entre sexo e amor, mas o homem só vem a compreendê-la mais lentamente, por intermédio da razão e da oração. O homem é dirigido pelo prazer. A mulher, pelo significado deste. Ela vê o prazer mais como um meio que conduz a um fim, a saber, o prolongamento do amor nela mesma e em seu filho. Tal como Maria, na Anunciação, ela aceita o amor que lhe é apresentado por outrem. A Maria, ele veio diretamente de Deus, por intermédio de um anjo; no casamento, ele vem indiretamente de Deus, através de um homem. Mas, em ambas as instâncias, há uma aceitação, uma capitulação, um *Fiat*. “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1:28). A mulher pagã, que não tem nenhuma ideia consciente de Deus, é, na verdade, metade mulher e metade sonho; a mulher que vê o amor como um reflexo da Trindade é metade mulher e metade espírito, e ela aguarda o trabalho criador de Deus dentro do seu corpo. A paciência torna-se então consequência obrigatória de sua aceitação. A mulher aceita as exigências da natureza e espera, após o lançamento da semente, pela colheita outonal.

Mas quando o sexo é separado do amor, há então o sentimento de que alguém foi obrigado a parar no vestíbulo do castelo do prazer, de que ao coração foi negada a cidadela após a travessia da ponte. Tristeza e melancolia são a resultante de tal frustração do destino, pois a tristeza é natural ao homem que é posto para fora de si mesmo, ou que se exterioriza sem conseguir acercar-se de sua meta. É muito mais íntima do que se suspeita a correlação entre instabilidade mental e a maneira animal de encarar o sexo. A felicidade consiste numa interiorização do espírito, a saber, no desenvolvimento da personalidade em relação ao seu destino celestial. Quem não tem finalidade na vida é infeliz; quem exterioriza sua vida e é dominado ou subjugado por aquilo que está fora de si, ou quem gasta sua energia nas coisas exteriores sem entender o seu mistério, é infeliz até a melancolia. Fica então uma sensação análoga à de sentir fome uma vez terminada a refeição, ou de estar farto de comida, porque, no caso do indivíduo, o corpo não foi alimentado, e, no caso do casamento, não foi alimentado o corpo de outrem. Na mulher, essa tristeza vem da humilhação de verificar que, quando o casamento funda-se unicamente no sexo, seu papel poderia ser preenchido por qualquer outra mulher; nada há de pessoal, de incomunicável e, portanto, nada de digno. Impelida pela própria natureza que

Deus nela implantou a ser iniciada nos mistérios da vida que têm sua fonte em Deus, ela é condenada a permanecer no limiar, como um simples instrumento de prazer e não como uma companheira no amor. Dois copos vazios não podem encher um ao outro. É preciso haver uma fonte de água, exterior a ambos, para que eles possam se comunicar entre si. São necessários três elementos para que exista o amor.

Cada pessoa é aquilo que ama. O amor passa a ser semelhante à coisa amada. Se se ama o céu, o amor torna-se celestial; se se ama a carne como um deus, o amor se torna corruptível. O tipo de imortalidade que teremos depende do tipo de amor que temos. Pondo a questão sob forma negativa, quando enumeramos as coisas que não amamos, estamos mostrando aquilo que somos. “*Amor pondus meum*”: “o amor é minha gravitação”, disse santo Agostinho. Essa lenta conversão de um sujeito em seu objeto, de um amante no amor, de um avaro em seu ouro, do santo em seu Deus, mostra a importância de amar o que é certo. Quanto mais nobre o nosso amor, mais nobre o nosso caráter. Amar aquilo que é inferior ao homem é degradação. Amar o que é humano, por simples amor do humano, é mediocridade; amar o que é humano por amor daquilo que é divino é engrandecimento; amar o que é divino pelo amor do próprio divino é santidade.

Amor é trindade; sexo é dualidade. Mas há muitas outras diferenças entre sexo e amor. O sexo racionaliza, o amor não. O sexo procura justificações como o Relatório Kinsey, “como diz Freud...” ou: “ninguém mais acredita hoje...”; o amor não exige razões. O sexo pede à ciência que o defenda; o amor nunca pergunta “por quê?”. Ele diz: “Eu te amo.” O amor é a sua própria razão de ser. “Deus é amor.” Satanás objetou um “Porquê?” ao amor de Deus, no Jardim do Paraíso. Toda racionalização é artificial e esconde sempre o verdadeiro motivo. Aquele que desrespeita a Lei Divina e se encontra afastado do Corpo Místico de Cristo por um segundo casamento procurará muitas vezes justificar-se, alegando: “Eu não consigo aceitar a Doutrina da Transubstanciação.” O que ele quer dizer, na verdade, é que não pode mais aceitar o sexto mandamento. Milton escreveu um tratado abstrato e aparentemente filosófico sobre a “Doutrina e disciplina do divórcio”, no qual ele justifica o divórcio por motivos de incompatibilidade. Mas a razão verdadeira não foi a que ele expôs no livro;

deve-se procurá-la no fato de que ele desejava casar-se novamente e sua mulher ainda era viva. O que importa não é *o que* diz o povo, e sim a razão por que o diz. Muitos creem que a ignorância é a causa do afastamento da maior parte das pessoas de Deus. De um modo mais geral, a razão que afasta muita gente de Deus é a sua conduta. O Divino Mestre disse: “E a condenação está nisto: a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz” (Jo 3:19s). Nem sempre são as dúvidas que devem ser vencidas, mas sim os hábitos pecaminosos.

Sob outro ponto de vista, o sexo busca a parte; o amor, a totalidade. O sexo é biológico e fisiológico e tem suas zonas de satisfação definidas. O amor, ao contrário, compreende tudo isso, mas, além do mais, tem por fim a totalidade da pessoa amada, isto é: uma criatura formada de corpo e alma e feita à imagem e semelhança de Deus. O amor pode ser comparado a um relógio, funcionando adequadamente, enquanto que o sexo, usando a mesma comparação, se contentaria apenas com a mola mestra e se descuidaria de sua função de marcar o tempo. O sexo elimina da pessoa amada tudo aquilo que não se adapta à sua libido carnal. Por essa razão é que todo aquele que dá primazia ao sexo é antirreligioso. O amor, ao contrário, não se concentra numa função, mas sim na personalidade. Um órgão não inclui a personalidade, mas esta inclui o órgão — e isso nos conduz mais uma vez ao tema de sempre: o amor abrange o sexo, mas o sexo não abrange o amor.

O amor se concentra no objeto, o sexo, no sujeito. O amor é dirigido a alguém e procura a perfeição deste. O sexo é dirigido a si mesmo e busca a autossatisfação. O sexo lisonjeia o objeto não porque ele seja louvável em si, mas antes como uma solitação. O sexo sabe fazer amigos e influir sobre as pessoas. Por isso mesmo, os espíritos fortes não admitem a lisonja porque sabem que o egoísmo se esconde sob aquela aparência de altruísmo. O “ego” no sexo pretende amar o “ego” de outrem, mas o que ele realmente ama é a possibilidade de encontrar o seu próprio prazer nesse outro “ego”. A outra pessoa é necessária para que o egoísta possa voltar a si mesmo. O egoísta se vê sempre circundado por uma atmosfera de não ser, de falta de finalidade e de sentido; ele está sempre com a impressão de estar sendo explorado. Recusando-

se a ser relacionado com qualquer outra coisa senão ele mesmo, aos poucos verifica que nada lhe pertence: o mundo todo está contra ele. Mas o amor, que acentua o valor do objeto amado, vai sempre aumentando o seu círculo de relações. O amor é tão forte que vence a pequenez das coisas pelo devotamento e pelo dom de si. Ao longo da história, as únicas causas que morreram foram aquelas pelas quais os homens se recusaram a morrer. Quanto mais cresce o amor, tanto mais se abrem seus olhos para as necessidades do próximo, para as misérias humanas e para a compaixão. O remédio para todos os sofrimentos mentais de nossos dias consiste no engrandecimento do coração por meio do amor, que deixa de se considerar como sujeito e começa a amar o próximo como objeto de amor. Mas quem vive para si achará possivelmente que a natureza, o próximo e o próprio Deus se voltam todos contra ele. O chamado “complexo de perseguição” é o resultado do egocentrismo. O mundo parece ser contra aqueles que tudo querem para si.

O sexo é movido pelo desejo de encher um momento entre o ter e o não ter. É uma experiência, tal como olhar um pôr de sol ou ficar brincando com os dedos enquanto passa o tempo. Ele descansa depois de uma experiência, porque fica farto por algum tempo e espera então o reaparecimento de um novo impulso ou de uma nova paixão, que será satisfeita num objeto totalmente diferente. O amor se horroriza perante tal noção, porque vê nela nada mais que a morte do objeto amado, pelo simples motivo da autossatisfação. O sexo daria asas aos passarinhos, mas não lhes daria ninhos; daria emoções aos corações, mas não lares; o sexo lançaria o mundo inteiro numa aventura de viajantes em alto-mar, mas não lhes daria portos. Em vez de perseguir um Infinito que seja fixo, ele o substitui pela falsa infinidade de uma satisfação nunca alcançada. O infinito passa então a ser não mais a posse do amor, mas uma infrutífera busca do amor — causa de inúmeras psicoses e neuroses. O infinito torna-se então instável, um verdadeiro carrossel do coração, rodopiando sem parar. O amor verdadeiro, ao contrário, admite a angústia, a sede, a paixão, o desejo, mas também admite uma satisfação estável pela adesão a um valor que transcende o espaço e o tempo. O amor se identifica ao ser e assim se torna perfeito; o sexo se identifica ao não ser e assim se transforma em irritação e ansiedade. No amor, a pobreza se integra na

riqueza; a necessidade, no cumprimento; o sofrimento, na alegria; a busca, na posse. Mas o sexo não tem o dom da oferta. O lobo não oferece nada ao cordeiro que mata. Falta a alegria da oblação, pois o egoísta, pela sua própria natureza, procura a inflação. O amor dá, para receber. O sexo recebe de modo a não dar. Amor é contato de almas em busca da perfeição; sexo é contato de corpos em busca de sublimação.

Um corpo pode ficar exausto, mas não se pode nutrir. Se o homem necessitasse apenas de nutrição, poderia devorar o amor, como devora alimento. Mas, dotado de um Espírito que precisa do Amor Divino como força unificante, o homem nunca se pode satisfazer devorando o amor de outra pessoa. A batata tem uma natureza; o homem é uma pessoa. A primeira pode ser destruída, como meio de se atingir um fim. O ser humano não pode. O sexo transformaria o homem num vegetal e reduziria a pessoa a um animal. O sexo, por mais que satisfaça, deixa sempre a sensação de fome, pois o ser humano tem necessidade de outro ser humano, e um ser humano é um ser humano apenas quando é imagem de Deus.

2

NOSSAS FORÇAS VITAIS

O *freudismo estuda o homem em função do sexo; o cristianismo estuda o sexo em função do homem.* Há um mundo de diferença entre o amor do sexo pelo sexo e o amor da pessoa pela pessoa. O sexo tenta ser, simultaneamente, receptor e doador de paixão, sujeito e objeto ao mesmo tempo. No sexo, o macho adora a fêmea. No amor, homem e mulher juntos adoram a Deus. Como resultado dessa dissociação entre sexo e personalidade, o sexo se cerebraliza, isto é: torna-se um problema intelectual. Nos seres humanos normais, o sexo é físico e orgânico. Nos anormais, é qualquer coisa sobre a qual se pensa, se estuda, se diseca e se reduz a estatísticas e relatórios. Na antiga barbárie, o sexo era considerado como elemento físico. Na nova barbárie, é mental. Muita propaganda tem como base o sexo. Em vez da concupiscência nascer do corpo, ela é artificialmente provocada, por um estímulo da imaginação.

Não há dúvida de que o sexo é uma força importante na vida humana, mas será mesmo a força básica, como tantos psicólogos proclamam? Ou será apenas um dos galhos da árvore da vida? Em vez de ser fonte em si, não será um dos muitos canais através dos quais o primitivo Dom da Vida nos é comunicado? Assim como a água é, basicamente, H₂O e tanto se pode apresentar sob forma líquida como de vapor ou gelo, assim também pode haver na pessoa humana um dinamismo e um poder fundamentais, que vêm da unidade corpo-alma e que fluem em três direções diferentes.

O homem não é apenas alma. Diz santo Tomás: “Minha alma não sou eu.” Mas a alma humana é o princípio ativo do corpo, que o faz existir como tal, unifica-o, possui-o e o desenvolve. Os pais geram o corpo; Deus infunde a

alma e faz a pessoa. A união do corpo e do espírito forma um ser. A fonte original do Poder, Energia, Pensamento, Ação, Amor e Paixão vem da união da alma com o corpo. Essa *força original*, que nós chamamos *Vita*, tem três manifestações principais, porque o homem pode ser considerado em relação: *a)* a si mesmo; *b)* à humanidade; *c)* ao cosmos.

Em relação a si mesmo, o *Vita* aparece como uma autopreservação, uma consciência de dignidade, um apelo a que se seja aquilo que se *deveria* ser. A personalidade se sente portanto depositária de direitos e liberdades inalienáveis, que lhe foram dadas por Deus e que nenhuma nação ou ditador pode arrebatá-las. O direito à vida acarreta não apenas o necessário desenvolvimento físico, mas também, e de igual modo, mental e espiritual. Em resumo, ele supõe não apenas um autorrespeito, mas também um autoamor perfeitamente legítimo e que se esforça por alcançar a perfeição. “Sede pois perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito” (Mt 5:48).

Em relação à humanidade, esse *Vita* se manifesta na geração da espécie humana, na fundação da família que, por sua vez, torna-se a unidade do Estado e da sociedade, nos quais os direitos e liberdades pessoais são condicionados pelos direitos e liberdades de outrem, em busca do bem comum.

Em relação ao universo, o *Vita* se apresenta sob outro aspecto, que é o da compensação da pobreza pessoal pelo *ter*, que passa a ser a posse de bens particulares como garantia da liberdade exterior, da qual a alma é a garantia espiritual e oculta.

Essas três destilações do *Vita* são boas porque são dadas pela Bondade Divina. E todas as três imanações são simultâneas. Nem mesmo uma pessoa de vistas estreitas se lembraria de reduzir a missão do homem apenas à realização de seu próprio aperfeiçoamento, deixando de lado a sua magnífica capacidade de cooperar com Deus na criação de novas áreas de amor. Seria bem pouco perspicaz aquele que encarasse o homem em função das coisas com que trabalha, ou que come, ou com que se veste. Seria o mesmo que descrever um elefante em termos de suas presas, ou de sua cauda, ou de sua tromba.

Mas — e eis aqui o fato importante — o direito à autoconservação poderia transformar-se em egoísmo, e a capacidade de procriação poderia tornar-se

licenciosa, e o sentido de propriedade poderia vir a ser comunismo ou um capitalismo monopolista, se houvesse uma perturbação básica do *Vita* e das relações entre corpo e alma, tais como Deus as determinou. E foi justamente o que aconteceu naquilo que chamamos a Queda do Homem. A psicologia moderna parece estar redescobrando os ornatos dessa verdade nos conflitos, tensões e ansiedades que vão pela alma do homem. Algo aconteceu ao homem para fazê-lo tal como o é. Seja ele o que for, não é mais o que deveria ter sido. Toda desordem e anarquia dentro do homem e da sociedade trazem a marca do abuso de liberdade. Embora o homem às vezes proceda como se vivesse na selva, pode-se ainda ver, em algumas de suas ações, que ele outrora brincou num Jardim.

Não é nossa intenção descrever aqui a revolta do homem contra seu Criador. Analisando a sua própria consciência, qualquer homem, sobretudo após haver ferido alguém que ama, bem pode fazer-se uma ideia daquilo que aconteceu. Quando a mola mestra de um relógio quebra, todas as demais peças continuam ali, mas sem poder funcionar. Da mesma maneira, e devido à rebelião contra o Amor Divino, o *Vita*, a unidade fundamental corpo-alma do homem, perdeu seu equilíbrio, embora não se tenha tornado intrinsecamente corrupto. Houve um desarranjo entre as três correntes do *Vita*. Em relação a si mesmo, o homem passou a não mais fazer o que devia, mas sim o que lhe agradava, mesmo que isso prejudicasse a outrem ou a ele próprio. Em relação à espécie humana, o homem, por ser dotado de razão, pôde, contrariamente aos animais, manipular as alavancas da vida e procurar os prazeres da carne sem assumir responsabilidades. Finalmente, em relação ao universo, o homem passou a *querer* mais do que necessitava no tocante a bens, ou a usar meios ilícitos para adquirir o que não tinha, ou ainda a tirar dos outros o que lhes pertencia.

Se o pêndulo desconhece a sua dependência do relógio, não mais pode oscilar. A harmonia da natureza humana sofreu um distúrbio porque o homem renegou a sua dependência de Deus, única Fonte de sua independência. Espalhou-se então pelo seu *Vita* aquilo que chamamos de *Libido*, ou concupiscência, que é a tendência para certas coisas condenadas pela razão. Introduziu-se a anormalidade nos três aspectos do *Vita*. Dali em diante, o

legítimo autoamor transformou-se em Egoísmo ou Egoísmo; a união de dois seres em uma só carne passaria a ser chamada Sexo, na mais moderna acepção da palavra; e o direito à propriedade poderia vir a ser Comunismo, Capitalismo Monopolista e Revolução. Não são obrigatórias tais transformações, pois o homem ainda dispõe de liberdade, mas se tornou muito mais difícil para o homem abafar e controlar suas paixões inferiores. Essa concupiscência ou libido *não* é um pecado, é antes uma tentação, que só se transforma em pecado quando a vontade consente em tal desordem. Essa catástrofe original por que passou a natureza humana tornou o homem excêntrico, isto é: com tendências a sair fora do seu centro, e dessa tendência nasceu a necessidade de uma Psicologia de Anormais.

A primeira dessas concupiscências torna-se Orgulho ou Egoísmo, a segunda torna-se Concupiscência e a terceira, Avareza ou Cupidez, e delas três se originam todos os pecados que o ser humano pode cometer. Não que existam três concupiscências ou libidos e que uma das três deva ser identificada com o *Vita*. O orgulho não é a força básica da vida, nem o Sexo, nem a Cupidez, mas todas as três são tendências à desordem em relação a uma força básica, ou *Vita*.

Muitos psicólogos veem a coisa parcialmente, tomando um desses elementos com exclusão dos demais. Freud toma o Sexo e esquece as outras duas libidos, igualmente importantes. Adler toma o Orgulho, e Jung toma a Cupidez ou a Segurança. A psicologia não nos proporcionará uma compreensão total do homem senão quando incorporar os três elementos e relacioná-los com algo mais profundo no homem. Freud está com a razão quando fala da importância do sexo, como também está com a razão o homem que descreve a importância da tromba para um elefante. Nosso protesto é que esse raciocínio não é científico, porque não é total. A libido não é o sexo, mas o sexo é uma das expressões da libido. O complexo de inferioridade não é a libido básica da vida, mas é uma delas. O desejo de segurança não é a única razão de ser da criatura, mas é uma *parte* importante dessa razão de ser. Cada uma das grandes escolas tem uma terça parte de razão. Das três, Freud escolheu certamente aquela que mais atrativos tem para uma geração cada vez mais afastada de Deus. Ela é também muito importante porque as outras libidos não são ao mesmo tempo pessoais e sociais. O orgulho envolve só o indivíduo e a avareza diz respeito às

coisas. Mas o sexo envolve duas pessoas e, através delas, a humanidade. Freud fez uma leve alusão a que talvez seu ponto de vista fosse incompleto, quando, no fim de sua vida, sugeriu que se ampliasse o sentido do termo *Sexo*. Mas nunca se poderá ampliá-lo bastante, a ponto de nele incluir, nem mesmo remotamente, as outras duas desarmonias e tendências excêntricas, sem as quais nenhuma psicologia é completa.

Se sexo fosse tão “natural” como os seus psicólogos o pretendem, nunca se deveria ter-lhe associado à noção de vergonha. Mas se foi um abuso de liberdade que trouxe a anarquia à natureza humana, daí se segue que a vergonha, acompanhando o sexo, tem alguma relação oculta com a rebelião do homem contra Deus.

A Sagrada Escritura nos diz que antes da Queda, Adão e Eva estavam “nus, mas não se envergonhavam de sua nudez”. Eles estavam nus e não tinham vergonha porque as paixões eram completamente sujeitas à razão, e não havia ainda no corpo humano a tendência, por parte dos instintos, a se rebelarem contra a razão. A nudez desprovida de vergonha era em parte devida a essa perfeição espiritual interior. É fato bem conhecido que as pessoas de alma mais chá procuram compensar esse vazio interior por um luxo exterior exagerado. Quanto mais nua for a alma, isto é, quanto mais destituída de virtude, tanto mais quererá o corpo dar provas de possuir muito, e isso por meio de um modo de vestir exagerado e de muita ostentação. O rapaz pobre que quer parecer abastado precisa fazer uma exibição de riquezas. O rapaz rico não necessita disso. Encontramos o reverso dessa distinção entre pobreza e riqueza do corpo e da alma na cerimônia conhecida como a Vestição das monjas. Em muitas comunidades, no dia da profissão, a moça se veste primeiro como uma noiva rica e vem adornada de muitas joias. Alguns pensam que isso significa ser ela a Noiva de Cristo. É evidente que isso não é exato pois, após pronunciar os votos, ela vai à cela e troca o vestido pelo hábito da comunidade, humilde e servil. O significado real é que agora, que a sua alma está adornada da beleza da Graça Divina, não há mais necessidade da riqueza ostensiva do corpo. É bem provável que Adão e Eva, em vez de estarem nus, no sentido que damos à palavra, tivessem no seu corpo um reflexo de luz oriundo de seu estado

original, de Graça Santificante. Como resultado, via-se menos um corpo que um ser portador da Imagem Divina.

Foi só depois que nossos primeiros pais se revoltaram contra Deus, que eles destruíram o equilíbrio de sua natureza humana. Não é necessário que se diga que a tradição católica nunca considerou que o pecado de Adão e Eva fosse o ato sexual. Ao contrário, Deus disse aos nossos primeiros pais: “Crescei e multiplicai-vos.” Como diz santo Agostinho, “aquele que acha que não teria existido cópula nem geração se não fosse o pecado está simplesmente fazendo do pecado a origem do número sagrado de santos sobre a terra”. A posição de santo Tomás é afirmar que havia muito mais prazer no ato conjugal antes do Pecado Original: “Não teria existido menos prazer antes, como afirmam algumas pessoas. Ao contrário, o próprio prazer teria sido muito maior, pois a natureza humana era então mais pura, e o corpo era portanto capaz de sensações muito mais deliciosas.”

Ninguém peca contra o Amor, sem ferir a si mesmo. Uma tríplice concupiscência, ou tendência ao excesso, resultou da revolta de Adão e Eva contra Deus. Que efeito teve isso sobre a segunda manifestação do *Vita*, ou seja, sobre a geração? Em relação ao ato carnal, diz santo Tomás: “Devemos distinguir dois aspectos no estado de coisas atual: um, que é natural, a saber a conjunção do macho e da fêmea para fins de procriação... O outro é uma deformação desse aspecto e consiste numa concupiscência sem limites. Esta não existia no estado de inocência, porque então os instintos mais baixos estavam sujeitos à razão.” Essa tendência a desracionalizar ou irracionalizar o instinto da procriação, a par de outros atos relacionados a isso, é que pode ser englobada no uso que se dá modernamente à palavra “sexo”. Inclui portanto o que é bom (o instinto de procriação da carne) e o que é mau (a saber, as desordens e os excessos desse instinto).

Foi depois da perda da Graça, que nossos primeiros pais perceberam que estavam nus e se envergonharam. Até certo ponto, a sensação de vergonha pode ser natural, mas já agora ela começa a aparecer relacionada à sensação de culpa. A vergonha pode ser, e muitas vezes é, a expressão de uma tensão e de um antagonismo, que em sua fonte primitiva nada mais foi do que uma rebelião contra Deus. O Pecado Original destruiu a união de Adão e Eva com

Deus através da Graça, que é a participação da Natureza Divina. Mas a ruptura da união do homem com Deus teve como consequência um distúrbio na união do corpo com a alma. Partiu-se o dente principal da engrenagem, então os outros dentes menores sofreram um desarranjo também. Nada representa melhor essa rebelião inicial contra Deus do que a tendência do corpo a se rebelar contra o Espírito. A vergonha é uma das expressões de tal ruptura.

É necessário repetir que não foi por causa de sexo que Adão e Eva tiveram vergonha, pois eles tinham sexo e usaram-no antes do pecado. É bem possível que o caráter insaciável da união sexual, no sentido de que não preenche os desejos infinitos de unidade que tem a alma, seja um lembrete de como o finito foi dissociado do infinito e a criatura de seu Criador.

Santo Agostinho também afirma que, num certo sentido, a vergonha se relaciona com a desobediência. Positivamente, isso significa que quando há obediência perfeita a Deus, não há vergonha. Isso confirma, de certo modo, a verdade espiritual que os educadores católicos têm observado, a saber, à medida que aumenta a obediência à lei de Deus, diminuem, efetivamente, a concupiscência e as paixões. Os instintos sexuais não têm intensidade igual em todos os seres. Algumas pessoas podem de tal maneira controlá-los que resistir-lhes torna-se um reflexo automático, tal como o pestanejar instantâneo quando nos cai um cisco nos olhos. A história do misticismo nos revela que as tentações da carne diminuem à medida que a pessoa se aproxima de Deus, muito embora possam aumentar as tentações de orgulho. A Sagrada Escritura, que é o Corpo de Cristo, quando bem recebida diminui o ardor da concupiscência. Não é tão grande como se imagina no mundo do sexo o sacrifício de celibato imposto ao padre, pois, tendo poder sobre o Corpo Físico do Cristo, ele tem em mãos o remédio contra a rebelião do seu próprio corpo físico. Num grau menor, os esposos que são sacramentalmente casados e vivem a vida conjugal em união com o amor de Cristo, sentem provavelmente uma extinção completa da sensação de vergonha nas suas relações, e isso devido à sua obediência ao Espírito.

Há também outra justificativa para a vergonha, que está mais relacionada com a ordem natural. Com razão se diz que sexo é mistério. Tem sua matéria e sua forma. Sua matéria é a capacidade física de procriação. Sua forma é o poder

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Três para casar"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).